



PROGRAMA
Itaú Social
UNICEF

Somos gotas que se complementam

A liberdade nunca é grátis. Você tem que lutar por ela, trabalhar por ela e garantir que é capaz de lidar com ela.

Toni Morrison, Deus ajude essa criança, p. 69

Equidade. Essa palavra transporta um dos significados mais bonitos e também desafiadores: usar da imparcialidade para reconhecer o direito de cada uma e de cada um. E nesse “reconhecer”, buscar o ponto de equilíbrio para que a sociedade seja um lugar onde todas as pessoas existem livres, garantindo que tenham uma existência integral.

O Programa Itaú Social UNICEF, ao ter como premissa o fortalecimento das Organizações da Sociedade Civil (OSCs) que atuam na perspectiva da educação integral e inclusiva para crianças e adolescentes, aponta caminhos e convoca a todas e a todos a se revisitarem, a somarem nessa busca pela equidade.

E a equidade, por sua vez, nos convida a refletir sobre a diversidade, pautada aqui pelos marcadores sociais de raça, etnia, gênero, sexualidade e pessoa com deficiência, que serão abordados de maneira transversal ao longo do Percurso Formativo. Para começar trazemos uma pergunta: o que a sua OSC conhece e pratica para contemplar a diversidade?





PROGRAMA
Itaú Social
UNICEF

Sugerimos que aproveitem esse momento reflexivo que terão ao longo do Percurso Formativo para se comprometer com ações que incidam na redução de situações de exclusão social a que estão submetidos/as crianças e adolescentes dos territórios de atuação de cada uma das organizações aqui presentes, contribuindo assim para a garantia de seus direitos.

Mas afinal, o que significa esse olhar para a diversidade?

De início é importante mencionar que a discussão sobre diversidade não se refere apenas a um segmento ou de parte da população. Diz respeito a todas e todos nós! No dia a dia convivemos com mulheres, homens, adultos, crianças, adolescentes, idosos, heterossexuais, gays, lésbicas, travestis, transgêneros, negros, brancos, indígenas, orientais, pessoas com deficiência. Sabemos, na prática, que a humanidade é diversa.

O Programa Itaú Social UNICEF se propõe a valorizar essa diversidade com foco nos marcadores sociais de raça, etnia, gênero, sexualidade e pessoa com deficiência. Esses marcadores tentam explicar como são constituídas socialmente as desigualdades e hierarquias entre as pessoas com base nas diferenças humanas e ao compreender como organizam a estrutura social brasileira, podemos refletir e mudar nossa maneira de atuar.





PROGRAMA
Itaú Social
UNICEF

Sobre raça e etnia, é comum encontrarmos resistência para a realização desta discussão, afinal, graças aos discursos sobre a Democracia Racial, aprendemos que o Brasil é um país diverso e independentemente da cor, somos todos iguais. Contudo, ser igual perante a lei não garante igualdade de oportunidades. Vivemos em um país em que o fator racial define privilégios ou desvantagens, pelo simples fato de possuir ou não, um determinado fenótipo. Quando analisamos as estatísticas apreendemos que, mesmo após mais de um século da abolição do escravismo e do término da exploração colonial, a experiência da população negra e dos povos indígenas no Brasil é amplamente impactada pelo racismo em todas as esferas da vida social, seja no direito de acesso à educação e até mesmo na garantia do direito à vida. Pois, mesmo que a população negra represente a maioria dos brasileiros, 54% do total, e existam conquistas como a Lei de Diretrizes e Bases alterada pela Lei 10.639/03 (que tornou obrigatório o Ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nas escolas públicas e particulares), bem como a LDB alterada pela Lei 11.645/08 (que tornou obrigatório o Ensino da História e Cultura Indígenas), ainda assim, crianças e adolescentes negros/as e indígenas permanecem mal representados/as no currículo escolar, a invisibilidade prevalece. Tal violência simbólica e identitária presentes no ambiente escolar possuem drásticas consequências no processo de aprendizagem dos/as estudantes, e ainda, legitimam outras expressões de violência, que podem inclusive levar ao genocídio (extermínio de pessoas de um mesmo grupo). Justamente por isto, a discussão sobre o racismo não é algo supérfluo, mas um exercício necessário para a construção de uma sociedade mais justa para todas e todos.





PROGRAMA
Itaú Social
UNICEF

O conceito de gênero aborda as hierarquias e os papéis sociais historicamente atribuídos a mulheres e homens. Até porque, por muito tempo, mais da metade da população foi excluída do acesso a inúmeros direitos, como o voto e a educação, por exemplo. Essas são conquistas políticas ligeiramente recentes para as mulheres. Hoje em dia, as meninas são a maioria nas escolas, mas as desigualdades na educação ainda são uma realidade, “pois a inclusão não se encerra na matrícula”. Por exemplo, os estereótipos de gênero afetam o desempenho das garotas nas disciplinas de exatas, e conseqüentemente suas escolhas profissionais. Os estereótipos de que existem determinadas cores, brinquedos, comportamentos, deveres ou profissões apropriados para meninas e meninos, castram potencialidades, influenciando de modo negativo no processo de aprendizagem. Diferente do que muitas pessoas pensam e defendem, gênero não é sinônimo de mulher e tampouco representa uma ideologia subversiva, pelo contrário.

A diversidade também faz parte da nossa experiência no âmbito da sexualidade. Vivemos em uma sociedade onde a heterossexualidade é tratada como norma, o que se traduz em preconceito contra a população LGBTQIA+, ou seja, Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Transgêneros, Queers, Intersexo e Assexual. Este prejuízo também está presente no espaço escolar, a LGBTfobia impacta na saúde mental, no desempenho escolar e na permanência dos/as estudantes. A população trans possui índices alarmantes de evasão escolar: 82%. Ou seja, a





transfobia rouba o seu direito básico, de acesso à educação, de acesso ao mercado de trabalho e mais ainda de uma convivência social digna.

Outro fator importante é a condição de deficiência. Entender que a deficiência é parte da diversidade é uma atitude básica para não excluir, tampouco repetir comportamentos e pensamentos preconceituosos. Por conta disso, a Organização das Nações Unidas – ONU em dezembro de 2006 elaborou a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. Ela já foi assinada por mais de 180 países. No Brasil, esse documento foi ratificado e tem status de emenda constitucional. Resumidamente, a definição de pessoa com deficiência atual relaciona impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial a barreiras que podem obstruir sua participação na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. Ou seja, as pessoas com deficiência não são especiais, nem têm necessidades especiais - não é possível compreender uma determinada pessoa considerando apenas a deficiência que ela tem ou mesmo a partir dela. A eliminação ou redução das barreiras para que todos/as possam usufruir dos benefícios construídos pela sociedade passa a ser uma tarefa de todos/as nós.

Como falamos no início, ninguém é somente negro/a ou mulher ou gay ou tem deficiência. Somos um conjunto singular de muitas características. Todas e todos nós somos seres complexos que experienciam diferentes marcadores sociais, que ao se cruzarem, podem favorecer o privilégio ou intensificar ainda mais a exclusão social. Esse cruzamento entre os marcadores sociais é denominado de





PROGRAMA
Itaú Social
UNICEF

interseccionalidade. Kimberlé Crenshaw define que a interseccionalidade “busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação” (CRENSHAW, 2002, p. 177). Esse conceito nos ajuda a compreender que cada pessoa é um conjunto de características indissociáveis e potencializa cada OSC a aprimorar suas estratégias para a intervenção no território, impactando nas desigualdades vivenciadas pelas crianças e adolescentes e pela própria equipe.

O movimento de considerar a diversidade como temática transversal para (re)organizar as ações têm força para mudar a realidade. Nesse sentido, ao atuar na perspectiva da Educação Integral e Inclusiva de crianças e adolescentes, como as Organizações em que vocês atuam lidam com os preconceitos relacionados aos marcadores sociais de raça, etnia, gênero, sexualidade e condição de deficiência? Como podemos aprimorar as ações que realizamos? Vamos trabalhar juntas e juntos para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa?

O convite que deixamos para vocês

Durante a participação no Percurso Formativo, ao longo das Estações, estimularemos que reflitam sobre como estão organizadas as OSCs das quais vocês fazem parte. E, coletivamente, organizem estratégias que tenham como efeito a transversalização da diversidade em todas as ações que desenvolvem. Para apoiar esse processo, em cada uma das





atividades propostas, lembraremos constantemente dessa necessidade. Seja no olhar para dentro das OSCs, no olhar para os territórios ou na elaboração dos Planos de Intervenção, queremos que vocês traduzam em ações todo o aprendizado e reflexão realizados em equipe. Esse Percorso Formativo, que se pretende dialógico, será composto por perguntas para que a diversidade deixe de ser apenas princípio conceitual e passe a figurar como prática em cada uma das ações desenvolvidas pelas OSCs. Por exemplo: quais barreiras têm impedido o acesso e a participação de crianças e adolescentes, sem exceção? Há dados sobre a diversidade das crianças e adolescentes que são atualmente atendidos/as pela OSC? Se sim, existe cruzamento dos dados entre as áreas de saúde, assistência social e educação? Como é feito o convite desse público à participação? Como a instituição lida com as questões dos marcadores sociais em relação aos/as seus/as profissionais? E em relação às pessoas da comunidade?

Para que parcelas de nossas crianças e adolescentes não sejam mais consideradas como um anexo, um “puxadinho”, é imprescindível que todas e todos sejam bem-vindas e bem-vindos desde o início desse Percorso Formativo até o planejamento dos Planos de Intervenção que serão propostos por vocês. Vamos aos exemplos: na Estação 1, o objetivo é promover a autorreflexão sobre o que fazem, por que fazem, como fazem, para quem fazem e a relação que estabelecem com os territórios em que atuam. Essa é uma excelente oportunidade para realizar um sobrevoo nas ações desenvolvidas com as crianças e os adolescentes em relação ao propósito das organizações, junto com





PROGRAMA
Itaú Social
UNICEF

todas e todos que, direta ou indiretamente, fazem parte do cotidiano das OSCs. Nesse momento, vocês podem começar a responder algumas perguntas norteadoras. Por exemplo: o que entendemos por educação integral e inclusiva? Quem já ouviu falar em desenho universal? Quais são as características/marcadores sociais das crianças e adolescentes que participam das ações que temos desenvolvido? E da equipe da OSC? Da comunidade? A proposta é justamente sair do *checklist* e investir esse tempo na reflexão coletiva dos pontos a serem abordados.

Na segunda Estação, o objetivo principal é que vocês avaliem se as ações que realizam estão em sintonia com as demandas e potencialidades dos territórios e, conseqüentemente, do público que neles vivem. Trata-se de uma oportunidade de se realizar um balanço orientado pelos três eixos do Programa – desenvolvimento integral de crianças e adolescentes, desenvolvimento institucional e articulação no território, por meio de uma postura empática e enxergando os desafios a partir de diferentes pontos de vista.

Finalmente, na Estação 3, o objetivo é elaborar os Planos de Intervenção, registrando propostas de mudança relacionadas aos três eixos do Programa, definindo ações e indicando os resultados esperados, tendo a diversidade como tema transversal. Vale, portanto, refazer as perguntas e perceber se há diferença nas conclusões do grupo.





PROGRAMA
Itaú Social
UNICEF

Esperamos que ao término desse Percurso Formativo vocês tenham como resultado um Plano de Intervenção territorializado, com a integralidade e a inclusão como pressupostos e cujo objetivo maior seja o enfrentamento e eliminação das desigualdades. Esse é nosso convite!

Para saber mais

Educação Integral

- [Percursos da Educação Integral em busca da qualidade e da equidade](#)
- [Colóquio Educação Integral](#)
- [Educação Integral – Guia de Referência](#)

Educação inclusiva

- [Fortalecer vínculos é base para educação inclusiva no contexto da pandemia](#)





Democracia racial e racismo

- [A democracia racial existe ou se trata de um mito?](#)
- [Democracia racial](#)
- [Fenótipo](#)
- [Racismo estrutural](#) (livro)
- [Racismo estrutural](#) (vídeo)

Gênero e sexualidade

- [Judith Butler: “De quem são as vidas consideradas choráveis em nosso mundo público?”](#)
- [Gênero, sexualidade e educação](#)
- [Pensando o Sexo: Notas para uma Teoria Radical das Políticas da Sexualidade](#)
- [Gênero: uma categoria útil de análise histórica](#)
- [História da sexualidade](#)

Deficiência

- [Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo](#)
- [Pessoas com deficiência](#)
- [A ONU e as pessoas com deficiência](#)





PROGRAMA
Itaú Social
UNICEF

Interseccionalidade

- [Perfil & Opinião – Carla Akotirene](#) (vídeo)
- [Kimberlé Williams Crenshaw](#)

Desigualdades

- [Atlas da violência](#)

